

ELEIÇÕES

Ciro ataca Lula e ataca bolsonaristas

Pedetista classifica a chapa do PT, que tem Alckmin de vice, como um “conchavão”

» VICTOR CORREIA

O pré-candidato à Presidência da República **Ciro Gomes** (PDT) disparou, ontem, contra a chapa do PT-PSB, formada pelo ex-presidente **Luiz Inácio Lula da Silva** e pelo ex-governador **Geraldo Alckmin** (PSB), afirmando que a união dos dois é um “conchavão” que visa, apenas, impedir a reeleição do presidente **Jair Bolsonaro** (PL). A crítica do pedetista viralizou nas redes bolsonaristas, que replicaram o ataque.

Ciro lembrou que a união **Lula-Alckmin** é a mesma estratégia que levou o ex-presidente **Michel Temer** a ser vice de **Dilma Rousseff**. Mais: disse que a chapa encabeçada pelo petista não têm nenhum compromisso com mudanças.

“Junta tartaruga com arame farpado não dá porco-espinho. Às vezes, adversários podem se reunir, mas, assim, sem explicar nada, um conchavão despolitizado. Para dizer que tudo vai ficar exatamente como está, que ‘vamos só tirar as grosserias, as aberrações do Bolsonaro, mas deixar o sistema econômico’”.

Segundo **Ciro**, a união “pode até dar certo”, mas é uma “aberração”. A participação de **Alckmin** na chapa de **Lula** é o ponto central da estratégia do PT para conquistar o eleitorado de centro — tal como já fizera, 20 anos atrás, ao colocar como vice o empresário mineiro **José Alencar**.

Ciro considera que **Lula** está “envelhecido nas ideias”. Ele avalia, ainda, que a intenção do PT com a união é apenas tirar **Alckmin** e **Guilherme Boulos** (PSol) do caminho para eleger **Fernando Haddad** (PT) ao governo de São Paulo.

Bolsonaristas replicaram as críticas de **Ciro** a **Lula** nas redes

Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press



Junta tartaruga com arame farpado não dá porco-espinho. Às vezes, adversários podem se reunir, mas, assim, sem explicar nada, um conchavão despolitizado. Para dizer que tudo vai ficar exatamente como está”

Ciro Gomes, pré-candidato do PDT à Presidência

sociais, e chegaram a chamar **Ciro** de “cabo eleitoral de Bolsonaro” em grupos no Whatsapp. Eles compartilham vídeos nos quais o pedetista critica os governos petistas e, principalmente, falas nas quais culpa **Lula** e o PT pela polarização, e até pela crise econômica atual. O pedetista, porém, também é feroz opositor de **Bolsonaro** e chegou a afirmar, em uma sabatina, que “**Bolsonaro** é muito pior” que o petista.

Boulos

O pedetista criticou o apoio declarado do líder do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) à chapa **Lula-Alckmin**. Após decisão oficial de apoio do PSol, em 30 de abril, **Boulos** passou a utilizar a imagem do petista em sua campanha à Câmara dos Deputados. Chegou até mesmo a discursar ao lado do ex-presidente

em ato na ocupação **Vila Soma**, em **Sumaré**, em São Paulo.

“O **Boulos** escolhambava o cara do despejo de **Pinheirinho**, que foi o **Alckmin**, e ele, que é do **MTST**, que invade o terreno de **Pinheirinho**. Agora está tudo junto, na mesma lambança, comendo no mesmo cocho, como se o problema brasileiro fosse só derrotar o **Bolsonaro**”, afirmou **Ciro**.

O pedetista se referia ao episódio, em 22 de janeiro de 2012, quando o governo estadual — então nas mãos de **Geraldo Alckmin** — despejou cerca de 1,6 mil pessoas da comunidade de **Pinheiro**, em São José dos Campos, São Paulo. A desocupação foi violenta, com o choque da Polícia Militar paulista agredindo moradores para poder desocupar o terreno. O saldo foi que várias pessoas saíram feridas, mas sem gravidade.

Petista: reformas são “escravistas”

O ex-presidente **Luiz Inácio Lula da Silva** (PT) afirmou, ontem, que “a mentalidade de quem fez a reforma trabalhista e sindical é a mentalidade escravocrata”. O comentário foi durante encontro com especialistas em relações sindicais e trabalhistas, em São Paulo.

“A mentalidade de quem fez a reforma trabalhista e sindical é escravocrata, de quem acha que sindicato não tem que ter força, não tem que ter representatividade. No mundo desenvolvido,

em que você tem economia forte, tem sindicato forte”, afirmou.

De acordo com o ex-presidente, o Estado tem que atuar como árbitro que concilie os interesses do trabalhador e do empresário. “O Brasil não será um país civilizado se não tivermos a compreensão que as duas partes têm que ser tratadas em igualdade de condições, e o Estado não tem que tomar parte de um lado ou de outro”, afirmou.

Durante o evento, **Lula** defendeu, ainda, que o pré-candidato

a vice na chapa, **Geraldo Alckmin** (PSB), coordene a mesa de negociação entre trabalhadores e empresários caso eles sejam eleitos em outubro.

Durante o encontro, o ex-presidente voltou a defender mudanças na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) que sejam adaptadas à realidade do mercado atual. “Mas é importante que a gente tivesse o mínimo necessário garantido para que os sindicatos, livremente, pudessem, de acordo com

cada categoria, negociar o máximo, tirar o máximo que pudesse tirar. É assim que se faz negociação”, salientou. “A nossa organização sindical é igualzinha a dos empresários, e quem não quer mudar são os empresários”, completou.

Lula disse, ainda, que, para vencer crises econômicas, é preciso “colocar o pobre na economia”. E lembrou que, quando foi presidente por dois mandatos, “os pobres consumiram mais do que a classe média”.

Para Moro, 3ª via é como “saco de gatos”

O ex-juiz **Sergio Moro** classificou, ontem, a discussão pela unificação da terceira via como um “saco de gatos”. Isso porque os pré-candidatos não se entendem e facilitam a polarização entre os ex-presidente **Luiz Inácio Lula da Silva** (PT) e o presidente **Jair Bolsonaro** (PL).

“Isso (a candidatura do União Brasil) está sendo construído dentro do partido. Veja essa discussão da terceira via. Quem que é o candidato lá do PSDB? Quem que é o candidato do MDB? É uma confusão. Desculpe a sinceridade, mas acaba sendo um saco de gatos”, criticou.

Tanto a senadora **Simone Tebet** (MDB) quanto o ex-governador de São Paulo **João Dória** (PSDB) sofrem resistência dentro de suas próprias legendas e vêm sendo pressionados a fechar um acordo. Por causa da impossibilidade de construir um consenso, o União Brasil deixou as negociações para lançar o deputado **Luciano Bivar** (PE) à Presidência.

“Pelo que eu converso com ele, acho que ele é bastante sincero

nesse desejo de ter uma alternativa para romper essa polarização entre **Lula** e **Bolsonaro**. Não são palavras ao vento, não. É um compromisso firme”, defendeu.

Moro negou a possibilidade de concorrer como vice de **Bivar**. Afirmou não ter escolhido a qual cargo vai concorrer nas eleições de outubro, mas considera a possibilidade de disputar uma vaga ao Senado.

“Existe, sim, uma possibilidade. Quando fui para o União Brasil, minha principal expectativa era tentar ajudar a construir uma candidatura que tivesse o potencial de romper esses dois extremos políticos. E é isso, na verdade, que estou focado. Mas pode ser que seja essa alternativa, o Senado”, disse.

Sobre a vaga de vice na chapa presidencial do União Brasil, **Moro** defendeu a escolha da senadora **Soraya Thronicke** (MS). “É um excelente nome, uma pessoa ponderada. Que pode estar ali representando as mulheres, que existia essa grande demanda”. (VC)

Sergio Dutti/divulgação



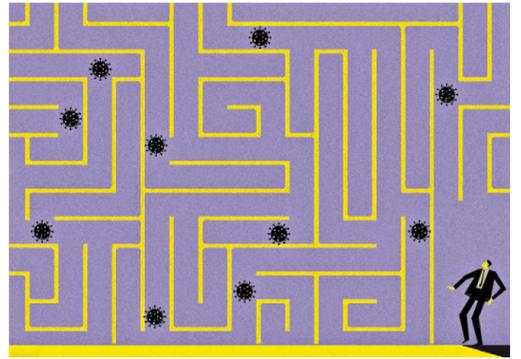
Moro indicou que pode disputar uma vaga ao senado em outubro

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br



Bolsonaro perdeu o rumo e improvisa

O ex-presidente **Luiz Inácio Lula da Silva** (PT) é um candidato caledado e com sangue nos olhos, que se movimenta estrategicamente para voltar ao poder. Se as eleições fossem hoje, poderia até vencer no primeiro turno, conforme nos revelam as pesquisas. Bastaria que os votos do ex-ministro **Ciro Gomes** (PDT) fossem lipoaspirados pela polarização do petista com o presidente **Jair Bolsonaro** (PL), e que a chamada terceira via mantivesse a atual dispersão de forças.

As pesquisas mais recentes mostram que **Bolsonaro** continua com uma rejeição acima de 60% e não consegue ultrapassar os 30% de intenções de voto. Nos cenários de segundo turno, **Lula** venceria o presidente com uma vantagem em torno dos 20%. O desgaste de **Bolsonaro** no confronto com o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e o Supremo Tribunal Federal (STF) barrou seu crescimento, somando-se à mitigação, pela inflação, dos efeitos do seu pacote de bondades econômicas e sociais junto aos eleitores de baixa renda.

Um parêntese para **Nicolau Maquiavel**, o fundador da ciência política moderna, que viveu o esplendor da República Florentina (fundada em 1115), durante o governo de **Lorenzo de Médici** (1449-1492): segundo seu texto mais lido pelos políticos, *O Príncipe*, que trata da conquista e da preservação do poder, os governantes que chegam ao poder mais pela sorte (**Fortuna**) do que por suas virtudes (**Virtù**) têm mais dificuldade para manter seus domínios quando mudam as circunstâncias.

Bolsonaro fez um longo percurso para chegar à Presidência, no qual construiu anos a fio uma base resiliente e combativa, formada por corporações e grupos de interesse com os quais se identifica: militares, policiais, agentes de segurança, milicianos, grileiros e madeireiros, além de ruralistas. Entretanto, isso não bastava, nem basta, agora, para vencer as eleições.

Em 2018, foi fundamental também o apoio das igrejas evangélicas, capturando o sentimento de preservação da família unicelular patriarcal ameaçada pela renovação dos costumes, e o apoio de setores reacionários e conservadores da classe média tradicional, insatisfeita com a insegurança e perda de poder aquisitivo. Um episódio imprevisto, de grande efeito catalisador, fez de **Bolsonaro** um candidato imbatível: a fachada que levou em Juiz de Fora (MG), que neutralizou a rejeição que sofria e reforçou a narrativa messiânica salvacionista de sua campanha.

Hoje, a situação é completamente diferente. Sua agenda em relação aos costumes, que tinha amplo apoio popular, resultou num enorme retrocesso cultural e pedagógico, que gerou grande ojeriza no mundo artístico e na intelectualidade. O negacionismo durante a pandemia e o fracasso da política econômica alavancaram sua rejeição na maioria da sociedade. No plano político, a aliança com o Centrão garantiu sua governabilidade, mas não resolveu o problema da qualidade de governança. O resultado é um governo pessimamente avaliado.

Carrinho de compras

O cenário internacional muito favorável à sua eleição, com **Donald Trump** na Presidência dos Estados Unidos, e outros líderes de direita em países importantes da América Latina e da Europa, também mudou completamente. **Trump** perdeu a reeleição para o democrata **Joe Biden**, outras lideranças conservadoras se repositaram em relação à crise sanitária e às políticas econômicas ultraliberais. A guerra na Ucrânia coesiona o Ocidente contra a Rússia e cria um ponto de interrogação em relação à China, países sem os quais o agronegócio brasileiro entraria numa crise sem precedentes.

O fim da pandemia ainda não resultou num cenário favorável à reeleição de **Bolsonaro** por causa do desemprego, da carestia de vida e da falta de oportunidades, sobretudo para os jovens, agravadas pela recessão e alta de preços no mercado mundial, em consequência da guerra. As mesmas desigualdades que favoreceram **Bolsonaro**, em 2018, agora embalam a candidatura de **Lula**, cujos pontos fracos, principalmente os escândalos de corrupção envolvendo o PT, não estão tendo mais peso do que as promessas de retomada de seus programas de governo e a memória popular de suas políticas sociais.

Agora as pesquisas, o melhor termômetro eleitoral não está nas redes sociais, mas no carrinho de compra do supermercado. A economia é o ponto fraco de **Bolsonaro**, que perdeu o rumo com a inflação e, agora, improvisa. Seus factóides eleitorais podem virar um tiro no próprio pé, como essa história de vender a **Petrobras**, que surgiu de uma hora para outra para agrandar o mercado financeiro e servir de cortina de fumaça em relação à alta dos preços dos combustíveis e uma maracutaia à vista: o megasoduto interligando oito estados do Norte, Nordeste e Centro Oeste, um monopólio do empresário **Carlos Suarez**, que **Bolsonaro** e seus aliados do Centrão pretendem aprovar no Congresso.

O FIM DA PANDEMIA NÃO RESULTOU NUM CENÁRIO FAVORÁVEL À REELEIÇÃO DE BOLSONARO, POR CAUSA DO DESEMPREGO, DA CARESTIA DE VIDA E DA FALTA DE OPORTUNIDADES, SOBRETUDO PARA OS JOVENS